



## O protecionismo comercial está condenando o Brasil

### James Ferrer Jr.

Diretor do Centro para Assuntos da América Latina

**Louise Pinheiro**, para *Conjuntura Econômica*

James Ferrer Jr. é diretor e fundador do Centro para Assuntos Latino-Americanos (Clai), com um doutorado em História da América Latina pela Universidade da Califórnia em Berkeley. Antes de fundar o Clai, ele trabalhou para o Departamento de Estado dos EUA durante 30 anos, ocupando cargos tais como vice-embaixador e embaixador interino dos EUA no Brasil, representante suplente dos EUA no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e diretor de Assuntos Econômicos da Embaixada dos EUA em Lisboa. Seguindo de perto a situação econômica e social da América Latina, especialmente no Brasil, defende que o Brasil é essencial para o desenvolvimento e a estabilidade da América Latina. Ferrer Jr. acredita que os brasileiros são muito criativos e engenhosos, e se lhes forem dados a oportunidade e incentivos adequados eles irão tirar proveito dessa oportunidade e progredir. Mas alerta que o protecionismo comercial está condenando o Brasil a um baixo crescimento e pobreza.

**Conjuntura Econômica — Poderia comentar sobre o cenário político latino-americano? A América Latina parece estar dividida entre a esquerda chavista e países como México, Chile e Colômbia mais favoráveis ao mercado e reformas. Qual é a sua opinião sobre a situação política na América Latina e onde o Brasil se encaixa nesse cenário?**

Bem, minha impressão é que o Brasil não se encaixa muito bem em nenhuma dessas categorias. O país está vivendo realmente a extensão de sua longa história de forte envolvimento do Estado na economia e as reformas pró-mercado que foram feitas desde 1995 pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e em muitos aspectos re-

forçadas ou enfatizadas no governo Lula. Existe algum debate se a presidente Dilma Rousseff gostaria de continuar as políticas pró-mercado ou se ela gostaria de voltar para uma fase anterior do envolvimento do Estado na economia. Eu acho que este é um dos problemas que o Brasil enfrenta atualmente em sua política econômica. O país está tentando desempenhar o seu papel diplomático normal, ou seja, como um mediador que tenta reconciliar as diferenças entre amigos e ao mesmo tempo tenta permanecer amigável com todos eles e não alienar qualquer um deles.

Acho que o Brasil estende a mão para a Venezuela à esquerda e de uma forma ajuda a integrá-la no resto da América do Sul e, claro, para a Argentina, onde a Venezuela tem o seu próprio relacionamento amigável. Mas o Brasil quer manter todos os países da região dentro de um espírito de amizade, o que naturalmente limita a sua capacidade de influenciar suas políticas, porque para influenciar as políticas dos outros países significa que o Brasil deve tomar posições sobre as questões dentro desses países, o que pode não soar amigável, e assim eles resistem. Nesse sentido, é difícil classificar o Brasil em um dos dois grupos, mas sim como um parceiro que gosta de se dar bem com todos.

**Apesar dos esforços do Brasil para dar apoio à Venezuela e integrá-la na América do Sul, a Venezuela parece estar indo na direção contrária, em termos de políticas públicas e liberdades políticas.**

As políticas, que o presidente Maduro vem executando seguindo o

falecido presidente Chaves, nunca funcionarão na realidade e qualquer esforço para tentar fazê-las funcionar simplesmente vai trazer estagnação para o país. Não há como fazer essas políticas funcionarem. Maduro está se movendo cada vez mais para um regime ditatorial contra a forte oposição interna e suas políticas estão contribuindo para piorar a situação econômica, o que reforça a deterioração política. Portanto, ele tem apenas um futuro a esperar, ou seja, um futuro muito

---

**O atual governo dos Estados Unidos tem tantos problemas que seria melhor esperar um novo governo para que as relações comerciais com o Brasil sejam reativadas**

---

sombrio fora da presidência. Como isso vai acontecer, eu não sei. Espero que seja de forma pacífica, mas não vejo seu mandato alongando-se por muito tempo.

**O encerramento do boom das commodities também contribui para o chavismo perder o fôlego?**

Sim, especialmente o baixo preço do petróleo no caso da Venezuela está,

sem dúvida, reduzindo recursos financeiros que o país vinha desperdiçando para suportar más políticas econômicas. Mas o mais importante é que a economia doméstica está desmoronando. A escassez de ovos, leite e outros produtos são sintomas de má política econômica em curso, que vem causando uma deterioração da atividade econômica e da produtividade, e isso significa que a subsistência das pessoas está se deteriorando. Apagões de energia elétrica agora são inevitáveis. Eles acontecem quase todos os dias em alguma parte do país. Há falta de investimento e não há nenhuma perspectiva futura que o investimento vai aumentar sob este governo. Esse tipo de situação sempre tende a piorar muito antes que seja resolvida.

**Países de esquerda na América Latina como Bolívia e Peru estão aprendendo com a experiência da Venezuela?**

Peru é um caso. O presidente Ollanta Humala quando estava em campanha, foi muito esquerdista, mas quando assumiu o cargo se moveu para o centro e o Peru vem progredindo relativamente bem. Mesmo a Bolívia, que eu esperava que fosse ser um desastre, não está sendo porque o presidente Evo Morales está sendo muito cuidadoso com os contratos de exportação de recursos naturais. Os bolivianos estão produzindo e exportando e estão ganhando o suficiente para manter a economia. Eu dou-lhe crédito por isso e acredito que Morales deve ter aprendido um pouco com a Venezuela. Quero dizer, a Venezuela está ensinando uma boa lição para os outros países sobre o que não se deve fazer. Eu espero que a Argentina aprenda um pouco mais.

**No caso da Argentina, temos uma situação econômica difícil agravada por investigações sobre suposto envolvimento de funcionários do governo para encobrir um ataque terrorista estrangeiro. Como vê essa situação argentina?**

Cristina Kirchner não pode concorrer à reeleição. Ela está presumivelmente deixando o cargo no final deste ano. Eu acho que ela está saindo em circunstâncias bastante negativas e, neste caso, a investigação no futuro, eu acredito, irá implicar algumas pessoas de sua administração. Há um forte sentimento no país contra o que foi feito e um forte desejo de descobrir o que realmente aconteceu, e parte da culpa vai cair sobre ela com certeza.

**Será possível reviver as relações EUA-Brasil no governo Obama ou teremos de esperar pelo próximo governo americano?**

Eu acho que vamos ter que esperar por outro governo nos Estados Unidos. O atual governo tem tantos problemas e dificuldades que não acho que eles realmente estão olhando seriamente para a América Latina e o Brasil. O secretário de Estado John Kerry está envolvido em várias questões no Oriente Médio e especialmente na questão do terrorismo. Há a reaproximação com Cuba que está exigindo muita atenção. Outra questão é o caso das escutas telefônicas da NSA (agência nacional de segurança dos EUA) que trouxe um estremecimento das relações entre os dois países. Acho que seria mais produtivo aguardar este governo terminar e um novo tomar posse antes que se possa esperar um reavivamento das relações entre os dois países.

**Parece que a política externa brasileira nos últimos anos tem sido mais guiada pela ideologia do que por interesses nacionais. Como você vê a política externa do Brasil?**

Minha visão é diferente. Eu acho que o interesse nacional é definido nos termos da sua ideologia e, portanto, eu não acho que você possa realmente dizer o que é ideológico ou interesse nacional. Eles são uma mistura porque você não sabe qual é o seu interesse nacional até que você aplique sua ideologia aos seus

---

Por que empresários  
iriam investir no  
Brasil se eles acham  
que o governo está  
artificialmente  
protegendo empresas e  
alguns setores?

---

critérios. E, claro, o ex-presidente Lula tem uma ideologia diferente do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Então, Lula teve uma interpretação diferente das atribuições e dos objetivos do Brasil nas relações internacionais. O principal objetivo de Lula foi tentar melhorar a distribuição de renda em todo o mundo. Ele achava que as nações pobres iriam segui-lo e querer que ele fos-

se seu líder. No entanto, pelo que se vê, as nações pobres ignoraram suas recomendações olhando esse modelo como impraticável e irrealista. Lula perdeu a oportunidade de se tornar um líder internacional. O que afetou a sua imagem.

**Você acha que as administrações recentes têm negligenciado os acordos comerciais? México e Chile foram mais ativos na procura de acordos comerciais bilaterais.**

A visão do Brasil sempre foi protecionista. México, Chile, Colômbia mudaram as suas políticas comerciais, abrindo o comércio. O Brasil, por sua vez, protegeu a indústria nacional e esse é agora um dos principais problemas da presidente Dilma Rousseff. Protecionismo ainda é a sua convicção. Eu acho que é algo que ela tem que mudar. Espero que o ministro da Fazenda Joaquim Levy seja uma indicação que a presidente irá mudar a direção da política econômica. Se não for feito, ela vai continuar com o mesmo problema que teve nos últimos quatro anos.

**Parece que Lula em seu segundo mandato, e Dilma Rousseff em seu primeiro, intensificaram as políticas de intervenção estatal na economia, concorda?**

Olhe para o tratamento que o governo Dilma aplicou na indústria automobilística. A indústria receava a concorrência e os mexicanos têm batido o Brasil na competição. Então a indústria solicitou proteção e o governo aumentou as tarifas de importação para proteger o setor automobilístico. Acredito que foi um passo errado. O gover-

no tem que colocar o setor automobilístico sob pressão e, em resposta, o setor irá inovar, investir e se tornar mais criativo, produtivo e eficiente. Você só constrói uma indústria sólida deixando-a enfrentar a concorrência, não a protegendo. O protecionismo está condenando o Brasil a um baixo crescimento e progresso medíocre. Se a indústria não tiver que competir não o fará. A indústria sempre irá tentar criar um monopólio. O objetivo dos empresários é criar um monopólio, mas o objetivo do governo deve ser o de garantir a concorrência e, então, você terá investimentos. As pessoas perguntam por que não houve mais investimentos no Brasil, tanto nacional como estrangeiro. Por que empresários iriam investir se eles acham que o governo está artificialmente protegendo empresas? Para que os empresários invistam é necessário muito planejamento e esforço, já que eles têm que assumir riscos. Por que empresários fariam tudo isso se a maneira mais fácil é simplesmente obter a proteção do governo?

**Muitos empresários argumentam a favor de alguma proteção para compensar outros custos, tais como infraestrutura precária. Por que infraestrutura no Brasil ainda é inadequada?**

As concessões para construir e operar infraestrutura, especialmente no início, foram criadas tão mal que as corporações não tinham incentivos para assumir riscos, já que as obrigações eram arriscadas sem a promessa de uma remuneração adequada. Com isso, não houve o investimento esperado e a infraestrutura no país não melhorou: a

rede ferroviária é ainda muito limitada, os portos são demasiado pequenos, e o setor de energia elétrica é deficiente. O governo tem que colocar muitos recursos na infraestrutura para reparar pontes, estradas, portos, aeroportos etc. Milhões de dólares são perdidos todos os anos porque os caminhões carregam os produtos agrícolas do extremo oeste aos portos da costa leste e, em seguida, eles esperam no porto, por vezes, um mês, antes que eles possam carregar suas car-

---

A incapacidade do  
governo de realizar um  
superávit fiscal substancial  
foi um passo errado.

Então temos um aumento  
da inflação que assusta  
os investidores

---

gas em navios. Isso é um tremendo desperdício de dinheiro.

O governo deveria realmente ter atraído o setor privado, dando concessões e tentando envolvê-lo. Os brasileiros são muito criativos e se lhes for dada a oportunidade eles irão tirar vantagem disso. Vão encontrar o capital e colocá-lo nesses projetos, porque esses projetos são financeiramente viáveis. A infraestrutura atual

é tão ineficaz que os novos projetos de infraestrutura se tornariam, rapidamente, competitivos e rentáveis.

**E quanto à participação do Brasil no BRICS?**

O BRICS é uma associação artificial. O Brasil tem pouco em comum com a China ou a Rússia. Quero dizer: como o Brasil pode associar-se com a posição mais agressiva que a China está tomando agora no Pacífico ou a posição que a Rússia está tomando na Europa Oriental? Os brasileiros não têm empatia ou simpatia por essas posições e eles não podem realmente se relacionar com as mesmas. É claro que a China cresceu rapidamente por vários anos, mas começou a partir de uma base muito baixa. Com a estabilidade, era esperado que ela crescesse. A boa política para o Brasil teria sido simplesmente participar nesse processo de crescimento, mas não de se comprometer com a China como um parceiro. Não, o Brasil deveria aproveitar o máximo que puder e utilizar as suas exportações para se tornar mais competitivo. Eu acho que o período de rápido crescimento para a China passou. O país agora irá convergir para uma taxa de crescimento mais normal senão o conflito urbano-rural irá piorar e sua taxa de inflação aumentará.

**O Brasil deveria desenvolver melhor a sua parceria com a Índia?**

A Índia tem um processo democrático e está reformando sua economia, e por isso é provável que cresça mais rapidamente agora e no futuro. A Índia será um bom mercado para as exportações brasileiras. Muitas oportunidades podem surgir.

**Onde deve ser o foco do Brasil?**

O principal interesse do Brasil eu acho que é a Europa e os EUA. Eles são mercados dinâmicos com dinheiro e tecnologia. O Brasil deve se concentrar em obter recursos para crescer e esses recursos estão, principalmente, nos EUA, Europa, Japão e Canadá.

**O governo brasileiro tem evitado o livre-comércio?**

Essa é uma atitude típica no Brasil: “Nós somos uma economia relativamente fechada, somos grandes, nós não precisamos do mundo, temos um mercado interno grande, e não necessitamos exportar ou importar, e devemos produzir tudo aqui”. Essa atitude é negativa. Seria condenar o Brasil à pobreza.

**Retornando para questões domésticas, muitos à esquerda estão criticando a presidente por afastar-se de suas políticas do seu primeiro mandato. No entanto, parece que não há alternativa a um ajuste fiscal substancial para recuperar a credibilidade.**

A incapacidade no ano passado de realizar um superávit fiscal substancial foi um passo errado. Então você tem um aumento da inflação que agora é superior a 8% e que assusta os investidores. O Brasil é hoje um país caro, que afeta a decisão do investidor. Além disso, não há um complexo industrial que seja competitivo. Você terá uma estrutura de preços desfavorável e você não será capaz de exportar. O mercado do Brasil é grande, mas limitado. Assim, o governo tem que mudar isso, trabalhando para obter superávits fiscais para pagar a dívida pública e ter uma política monetária para

conter a inflação, tornando o país mais competitivo.

**Muitos observadores dizem que pode levar dois anos de recessão ou crescimento muito baixo antes que a economia se recupere. Qual é a sua opinião?**

O Brasil terá uma recessão este ano, com certeza que, provavelmente, se estenderá para o próximo ano. As medidas do governo postas em prática podem começar a ter um efeito no segundo semestre do próximo ano

---

Se o Brasil quiser fazer  
parte da economia  
mundial precisa atrair  
financiamento e  
tecnologia de todo o  
mundo e ganhar  
acesso a mercados

---

e a economia poderá começar a se recuperar. Depois, há o problema da Petrobras. Isso é um grande desastre.

As investigações sobre alegações de corrupção envolvendo a Petrobras têm estimulado a ideia de que o Brasil é completamente corrupto. Se você fosse um investidor você investiria em um país que é tão corrupto? Isso é terrível; a quantidade de dinheiro que foi roubado é horrenda.

Eu nunca teria imaginado que o roubo poderia ter sido tão grande.

**Como você vê a atual situação política no Brasil?**

Eu acho que a presidente Dilma vai ter um momento difícil em seu segundo mandato. Ela tem que mostrar uma grande liderança e grande inovação para tornar seu segundo mandato um sucesso. O Brasil tem os recursos de que necessita para ser um sucesso, mas precisa de uma revolução política para alcançá-lo. Como eu disse antes, o Brasil tem que abrir sua economia, tem que se tornar mais eficiente e distribuir os benefícios do crescimento. Sim, o governo deve continuar tentando fazer a distribuição de renda mais igualitária, mas também deve incentivar a produção antes para que ele possa distribuir. Não siga o modelo da Venezuela de apenas tentar redistribuir a riqueza existente.

**Então, aumentar a produtividade é fundamental?**

Com certeza, os trabalhadores realmente têm que produzir mais, e é necessário mais capital também. A presidente Dilma deve executar medidas para estimular tanto o investimento nacional e estrangeiro no setor privado. Se ela quiser que o Brasil seja parte da economia mundial, ela precisa atrair financiamento e tecnologia de todo o mundo e ganhar acesso a mercados. O Brasil precisa de altos níveis de investimento como falamos antes para melhorar sua infraestrutura e o governo deve aproveitar o mercado internacional de capitais para obter recursos financeiros. A presidente não vai conseguir um maior nível de rendimento até que ela possua uma economia saudável e forte. 